

## Efeito de sentido realista em *Ressurreição*, de Machado de Assis: a fundação de uma discursividade literária

*Realistic sense effect in Resurrection, by Machado de Assis: the foundation of a literary discursiveness*

Angélica Paixão dos Santos<sup>1</sup>  
Élcio Aloisio Fragoso<sup>2</sup>

**Resumo:** Neste artigo, refletiremos sobre os processos de constituição, formulação e circulação de sentidos, a partir dos trabalhos de Eni Orlandi (2012), tendo como objeto de estudo o discurso da obra *Ressurreição* de Machado de Assis. Filiamo-nos, portanto, ao quadro teórico-metodológico da análise de discurso materialista, teoria fundada por Michel Pêcheux, na década de 1960. Desta perspectiva, pensar a literatura e os estilos literários nos remete à noção de discursividade literária estabelecida por Fragoso (2001), fundamental para este estudo, bem como os trabalhos de Jacqueline Authier-Revuz (1998; 1990; 1994), do campo da enunciação. Neste trabalho, tratamos de sujeitos constituídos pela história, em busca de entender que efeitos de sentidos são produzidos nessa materialidade discursiva realista.

**Palavras-chave:** Discursividade literária; Machado de Assis; Constituição; Formulação; Circulação.

**Abstract:** This article aims at reflecting on the processes of constitution, formulation and circulation of meanings, based on the writings of Eni Orlandi (2012a). The object of this study is the discourse in Machado de Assis's novel *Ressurreição*. Therefore, the theoretical contribution to support the study is the theoretical-methodological framework of materialist discourse analysis, a theory founded by Michel Pêcheux, in the 1960s. From this perspective, the thought of literature and literary styles leads to the concept of literary discursivity established by Fragoso (2001), as well as the works of Jacqueline Authier-Revuz (1990; 1994; 1998), in the field of enunciation. This analysis focuses on subjects constituted by history in an attempt to understand the effects of meaning produced in this realistic discursive materiality.

**Keywords:** Literary discursivity; Machado de Assis; Constitution; Formulation; Circulation.

### Considerações iniciais

Neste artigo, buscamos refletir sobre os processos de constituição, formulação e circulação de sentidos, em *Ressurreição*, de Machado de Assis, à luz da Análise de Discurso de linha francesa, teoria postulada por Michel Pêcheux na década de 1960 e, posteriormente, na década de 1970, introduzida no Brasil por Eni Orlandi. Os trabalhos desses autores fazem parte de nosso suporte teórico-metodológico, assim como os estudos desenvolvidos por Fragoso (2001), relativamente à temática da discursividade literária e por Jacqueline Authier-Revuz (1998; 1990; 1994) no campo da enunciação.

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Letras da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). E-mail: angelpaixao@outlook.com

<sup>2</sup> Doutor em Linguística, docente da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). E-mail: elciofragoso@unir.br

Nosso olhar, enquanto analistas de discurso, permite-nos, portanto, realizar uma leitura do nosso *corpus* não pelo viés literário, mas sim discursivo<sup>3</sup>. Nós, da posição teórica que ocupamos, não olhamos para os textos literários com a pretensão de classificá-los ou enquadrá-los em estilos ou períodos literários, mas sim com o objetivo de compreender o seu funcionamento discursivo, isto é, olhar para o nosso *corpus* como materialização de um discurso, formulado por um sujeito-autor constituído pela história, e inscrito em determinadas formações discursivas. Sujeito este que analisaremos no decorrer deste trabalho em busca de compreender esse processo de autoria e, mais especificamente, o processo de fundação de uma discursividade literária – o realismo brasileiro.

Pensar a literatura e os estilos literários sob o domínio da Análise de Discurso nos remete ao termo discursividade literária, estabelecido por Élcio Fragoso (2001). Segundo Fragoso (2001), cada estilo literário constitui-se em uma discursividade literária, que se materializa linguística, ideológica e historicamente. A materialização do discurso literário se dá pelo sujeito na posição de autor, o qual, ao formular seu discurso, produzirá efeitos de sentidos que serão interpretados pelo sujeito-leitor.

Uma vez que na relação do sujeito-leitor com o texto encontra-se a ilusão de evidência de sentido, de transparência e de sentido literal, nos deslocamos para um lugar de entremeio entre descrição e interpretação. Lugar que possibilita ao analista compreender o texto como materialidade linguística-histórica-ideológica, subjetiva (constituída ideologicamente), opaca e não-transparente. Desse modo, nosso trabalho se desenvolverá na busca em compreender como se configura a discursividade literária realista, produzida pelo sujeito-autor de *Ressurreição* (2008), visto que a realidade explicitada nessa produção, para nós, da Análise de Discurso, trata-se de projeções imaginárias e efeitos de sentido.

Supomos que existe no realismo uma evidência de sentido produzida pelo efeito da ideologia: há indivíduos que se relacionam com a realidade denunciando-a/explicitando-a. A Análise de Discurso nos faz entender que não se trata de uma realidade empiricamente dada, mas sim de efeitos de sentidos, produzidos pelo sujeito na posição de sujeito-autor, constituído pela história a partir de formações discursivas

---

<sup>3</sup> Não ficaremos no gesto de interpretação literário (estético), pois queremos compreender, discursivamente, os efeitos de sentidos produzidos por esta interpretação, que é histórica e ideologicamente constituída.

e ideológicas; e com o seu dizer afetado pelo real da língua, da história e do inconsciente.

Desse modo, nossos questionamentos acerca dessa materialidade discursiva se dão a partir da posição teórico-metodológica em que estamos inscritos, a Análise de Discurso pecheuxtiana. Não se espera do analista de discurso uma posição “neutra”, pois todo discurso é ideológico, mesmo o científico, com a observação de que o analista por ser determinado pelo dispositivo teórico, conforme Orlandi (1996), não está sob o efeito do apagamento, da evidência de sentido, própria do sujeito comum.

Destinamos o passo seguinte deste artigo para assinalarmos o quadro teórico-metodológico e epistemológico constitutivo dessa análise. Isto posto, refletiremos em outras seções sobre os processos de produção dos sentidos, que, para Orlandi (2012a), implicam três momentos: a constituição, a formulação e a circulação dos sentidos dessa materialidade literária.

### **Quadro teórico-metodológico e epistemológico da análise de discurso de linha francesa pecheuxtiana**

Apoiado no materialismo histórico de Althusser, a partir de uma releitura de Karl Marx, na reformulação da psicanálise freudiana por Lacan e em sua releitura do estruturalismo saussuriano, Pêcheux desenvolveu a análise automática do discurso – um dispositivo teórico-metodológico. A Análise de Discurso, tal como foi fundada, se encontra desenvolvida a partir dos trabalhos de Pêcheux ao longo do movimento de suas reflexões que foram reconstruídas/retificadas de acordo com o que determinavam as condições de produção dessa teoria e desenvolvida, também, a partir do desdobramento feito por Orlandi, no Brasil.

Na Análise de Discurso tem-se a distinção entre dispositivo teórico e dispositivo analítico, sendo que o dispositivo teórico é sempre o mesmo e o dispositivo analítico se constrói conforme o analista vai mobilizando determinados conceitos e não outros. O sujeito analista não busca a completude, ou seja, a exaustividade do objeto e isso, segundo Orlandi (2015, p. 62), “[...] não tem a ver com a objetividade da análise mas com o fato de que todo discurso é parte de um processo discursivo mais amplo que recortamos e a forma do recorte determina o modo de análise”.

A Análise de Discurso surge na França, em um momento de questionamentos, releituras, revisões e retomadas no âmbito científico. Devido a essas condições de produção a Análise de Discurso (doravante AD) se constitui em um lugar não confortável, lugar do não evidente. As releituras feitas por Lacan, Althusser e Pêcheux atribuem à AD um caráter crítico, que reflete e questiona essas teorias.

Assim, a AD parte dessas três áreas<sup>4</sup>, mas no processo de releitura se desloca delas e da maneira positivista de fazer ciência. De acordo com Orlandi (2014, p. 12), “com a leitura de Pêcheux, nós temos um método para pensar a língua, as línguas, as linguagens, os sentidos, os sujeitos, o mundo”, que resiste ao positivismo deslocando-se da forma como se reflete a linguagem, o sujeito e os sentidos.

Desse modo, tomamos a posição de analistas de discurso e os trabalhos desenvolvidos nesse quadro teórico-metodológico para a análise de recortes da obra intitulada *Ressurreição* (2008) de Machado de Assis, especialmente do prólogo, a fim de compreender o funcionamento dessa materialidade discursiva, isto é, como essa discursividade literária realista<sup>5</sup> do sujeito-autor Machado de Assis, mais especificamente em *Ressurreição* (2008), produz sentidos, nos momentos de constituição, formulação e circulação de sentidos.

Na Análise de Discurso, teoria e análise se constroem ao mesmo tempo (não se separam), portanto para essa disciplina, não há uma mera aplicação de conceitos. O que queremos explicitar é que “[...] a análise de discurso tem um procedimento de demanda um ir-e-vir constante entre teoria, consulta ao *corpus* e análise” (ORLANDI, 2015, p. 65). É somente com esse ir-e-vir que o analista poderá compreender o funcionamento do discurso, deslocando-se para um lugar de entremeio: entre a descrição e a interpretação.

Não pretendemos entender o que o autor quis dizer, a posição teórica-metodológica da AD injunge que o analista busque a compreensão do funcionamento discursivo, considerando que a linguagem não é transparente, não é evidente. Assim, nas próximas etapas deste trabalho nos desdobraremos em compreender a materialidade discursiva em *Ressurreição* (2008), considerando nosso objeto como

---

<sup>4</sup> Referimo-nos às três disciplinas que formam o quadro epistemológico da AD: o materialismo histórico, a psicanálise e a Linguística.

<sup>5</sup> O que de uma perspectiva literária chamamos de escola, estilo ou período literário, da perspectiva discursiva, estamos compreendendo como uma discursividade literária.

um processo discursivo em um momento histórico dado e para uma formação social dada.

### **Do processo de constituição dos sentidos**

A busca pela compreensão do processo de constituição dos sentidos de uma materialidade discursiva literária torna necessária a reflexão sobre o sujeito que produz esses sentidos (o sujeito-autor), pois, de acordo com Orlandi, apesar de ser complexa, a relação do sujeito com seu discurso, pode-se afirmar que “[...] o sujeito está de alguma forma, inscrito no texto em que produz” (2012b, p. 102). Portanto, para refletirmos sobre o processo de autoria de *Ressurreição* (2008), se faz necessário explicitarmos, a seguir, o que entendemos por autor, na posição teórica a que estamos filiados.

Assim como afirma Claudia Pfeiffer (1995, p. 19), consideramos que “[...] não há como pensar a autoria sem entendê-la como uma forma que se constitui historicamente”. Isso porque os discursos se constituem na história por meio de processos parafrásticos (memória) e polissêmicos (deslocamento). A partir do interdiscurso, das formações ideológicas e discursivas, o sujeito se constitui e formula seu discurso. Mas isso não lhe é transparente, de acordo com Pêcheux (2014, p. 140), o “teatro da consciência” faz com que o sujeito se coloque na origem do discurso sem se dar conta de que os sentidos se dão na articulação entre sujeito, língua e história. A polissemia se dá, porque a ideologia, como afirma Pêcheux, é um ritual com falhas, e por ser assim, o sujeito se identifica com certas formações ideológicas e não com outras, possibilitando então as rupturas e os deslocamentos dos sentidos.

Os sentidos são produzidos de acordo com a posição-sujeito que está falando, e por isso, é salutar que compreendamos que sujeito é este e qual a posição que ele ocupa para que possamos analisar o seu discurso e os efeitos de sentidos produzido por ele.

Vejamos uma das considerações feita por Orlandi (2012a, p. 82) acerca do princípio de autoria como função enunciativa, ao lado das funções de locutor e enunciador: “O autor é, das dimensões enunciativas do sujeito, a que está mais determinada pela exterioridade (contexto sócio-histórico) e mais afetada pelas exigências de coerência, não contradição, responsabilidade etc.”.

O fato de ser atribuída ao sujeito-autor a responsabilidade da “não contradição” e da “coerência” faz com que o sujeito ao se colocar nessa posição esteja cada vez mais centrado, mais sob o “Efeito Münchhausen”, isto é, o apagamento, que é necessário para o sujeito, do fato de que ele é o resultado de um processo de determinações ideológicas. De acordo com Orlandi (2012a, p. 104) “O que aparece ao sujeito como sua definição mais interna e essencial é justamente o que o submete: quanto mais centrado é o sujeito, mais cegamente ele está preso a sua ilusão de autonomia ideologicamente constituída”. Vejamos as considerações de Michel Foucault para a compreensão da noção de autor/autoria:

[...] na ordem do discurso literário, e a partir da mesma época (séc. XVII) a função do autor não cessou de se reforçar [...] pede-se que o autor preste contas da unidade de texto posta sob seu nome; pede-se-lhe que revele, ao menos sustente, o sentido oculto que os atravessa; pede-se-lhe que os articule com sua vida pessoal e suas experiências vividas, com a história real que os viu nascer. O autor é aquele que dá à inquietante linguagem da ficção suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção no real. (FOUCAULT, 1996, p. 27-28)

É importante ressaltar que Foucault já realiza um deslocamento importante ao refletir acerca da posição autor cumprindo uma determinada função na sociedade, “com suas exigências e impedimentos” (PFEIFFER, 1995), o que nos é de grande interesse, pois nos possibilita repensar/realizar uma releitura considerando o sujeito determinado histórica e ideologicamente. A questão da autoria é histórica, importante. Apesar de ter um posicionamento deslocado, Foucault não realiza uma discussão a respeito do funcionamento das formações ideológicas<sup>6</sup>. Mas, como afirma Pfeiffer (1995, p. 46), assim como a AD, ele “considera a dispersão do sujeito em várias posições diferentes conforme as relações que se estabelecem entre as FD<sup>as</sup> [formações discursivas].”.

Esse sujeito na condição de autor/escritor literário está constituído pelos discursos das instituições às quais ele está filiado, neste caso – o da instituição literária, principalmente. Afetado pelo imaginário de que é origem do que diz, o sujeito autor se coloca na origem do discurso, como podemos ver no prólogo da edição de 1872, onde propõe a escrita de “um novo/um outro” ao formular os recortes a seguir:

---

<sup>6</sup> Devido à posição em que teorizava, e por ela não estar constituída pelo materialismo histórico, assim como a AD está. Desse modo, faz-se necessário, ao trazermos as reflexões de Foucault para nosso trabalho, realizarmos uma releitura, considerando o funcionamento ideológico.

“Este prólogo não se parece com esses prólogos” (ASSIS, 2008, p. 232), ou ainda: “Não quis fazer romances de costumes” (ASSIS, 2008, p. 233).

A evidência de sentido aí expressa, ou seja, o que é transparente tanto ao sujeito-autor como ao sujeito-leitor está relacionado ao que na literatura chamaríamos de períodos/estilos literários. Ao dizer que não pretende fazer “romances de costumes” o sujeito-autor está referindo-se ao “fazer romances” de sua época, isto é, à literatura de estilo romântico.

Temos, em *Ressurreição* (2008), um sujeito na posição de autor que tem a ilusão de apresentar ao seu leitor um discurso “novo”, se colocando na origem do seu discurso. Essa ilusão se dá porque a posição-sujeito, ao se identificar com certas formações discursivas e não outras, “[...] simula o interdiscurso no intradiscurso, de modo que o interdiscurso aparece como puro ‘já-dito’ do intra-discurso [...]” (PÊCHEUX, 2014, p. 154).

Ao refletirmos discursivamente, podemos pensar o discurso como sendo novo, não no sentido de origem, mas sim no sentido de deslocamento, que de acordo com Paul Henry (1993) seria a palavra mais adequada a utilizar, pois o sentido tido como novo se constrói a partir do retorno à memória, ou seja, “se a questão do sentido é daquelas em que não se pode chegar ao fim, é possível deslocá-la, reformulá-la” (HENRY, 1993, p. 152).

Ao longo da história, os discursos se deslocam e se configuram de outra forma e produzem sentidos diferentes, isso porque a ideologia é um ritual com falhas, como afirma Pêcheux (2014), e na identificação do sujeito com certos discursos e não com outros, há possibilidade de haver os movimentos de sentidos a partir do batimento entre atualidade e memória.

Compreendemos, portanto, que o discurso literário produzido por Machado de Assis, enquanto sujeito autor, trata-se de um discurso fundador, um discurso que funda o realismo enquanto uma discursividade literária no Brasil. É importante ressaltar que, como afirma Pfeiffer (1995, p. 20), “Dizer que um Discurso é fundador, não é dizer que ele se instaura num espaço vazio: ele faz do não-sentido, sentido, instaurando-se onde outros sentidos já se instauraram [...]”. Desse modo, para que se instaure o discurso fundador é necessário que haja um deslocamento. Assim, ao analisar o funcionamento discursivo em *Ressurreição* (2008) conseqüentemente, estamos refletindo sobre a fundação do discurso realista no Brasil, visto que na

materialidade discursiva analisada pode-se encontrar efeitos de um discurso realista, numa posição crítica ao Romantismo, que nessas condições de produção se configurava o discurso literário (a discursividade literária) dominante. Desse modo, o sujeito-autor produz em seu discurso efeitos de sentidos de rompimento com o “fazer romances de costumes” e a autoafirmação do realismo por meio da negação ao romantismo, como podemos ver em: “Este prólogo não se parece com esses prólogos” (ASSIS, 2008, p. 232).

Assim, o discurso produzido em *Ressurreição* (2008) trata-se de um discurso fundador, pois de acordo com Orlandi, ele se caracteriza como um discurso que:

Cria tradição de sentidos projetando-se para a frente e para trás, trazendo o novo para o efeito do permanente. Instala-se irrevogavelmente. É talvez esse efeito que o identifica como fundador: a eficácia em produzir o efeito do novo que se arraiga no entanto na memória permanente (sem limite). Produz desse modo o efeito do familiar, do evidente, do que só pode ser assim. (ORLANDI, 1993, p. 14)

Temos, na materialidade discursiva que analisamos, um discurso que ressoa e repercute efeitos de sentidos ao buscar a representação fiel da realidade e criticar o idealismo romântico. Trata-se de uma relação de dominância dessas discursividades literárias no interior de uma formação discursiva. Os efeitos de sentidos realistas, que se inscrevem na história como capazes de denunciar a realidade ao criticar a organização política e social tendo a verdade como compromisso, se sobrepõe aos efeitos de sentido românticos que, segundo Fragoso (2001, grifos do autor, p. 47), “tratava-se de exaltar (e afirmar) o *índio*, a *natureza* e o nosso *passado histórico* como a ‘alma nacional’”.

Pensar o Realismo discursivamente nos faz compreender que não se trata de uma realidade empiricamente dada, ou seja, o sujeito-autor ao apropriar-se desse discurso tem a ilusão de que detém o “saber do que se fala”, expressão utilizada por Pêcheux (2015, p. 55) ao afirmar que ninguém pode estar seguro disso, pois “[...] esses objetos estão inscritos em uma filiação e não são produtos de uma aprendizagem”. Trata-se, então, de efeitos de sentidos estabelecidos pelo autor que se naturalizam pela ideologia, causando a ilusão de sujeito-consciência.

Para Orlandi (2012a, p. 14), ainda refletindo sobre o processo discursivo “[...] o discurso é um processo que não se esgota em uma situação particular. Outras coisas foram ditas antes e outras coisas serão ditas depois”. Desse modo, os sujeitos se

identificam com certas formações discursivas e não outras, que determinam o seu dizer, conforme já assinalamos aqui. É no esquecimento número um, isto é, no esquecimento ideológico que o sujeito tem a ilusão de ser a origem do que diz, não notando que no seu discurso se faz presente o interdiscurso, sentidos pré-existentes. Para Orlandi (1999, p. 17), “[...] o sujeito, na análise de discurso, é posição entre outras, subjetivando-se na medida mesmo em que se projeta de sua situação (lugar) no mundo para sua posição no discurso”. Temos um sujeito que ocupa uma posição determinada na instituição em que está inserido. Essa posição, em uma conjuntura dada e em um estado de lutas de classes dado, determina o que pode e deve ser dito, segundo Pêcheux (2014), que é a projeção da formação ideológica na linguagem, isto é, a formação discursiva.

Nesta segunda seção, vimos brevemente como se dá o processo de constituição de uma materialidade discursiva literária, por meio da posição sujeito-autor, determinada linguística, histórica e ideologicamente. Considerando que “a constituição determina a formulação, pois só podemos dizer (formular) se nos colocarmos na perspectiva do dizível (interdiscurso, memória)” (ORLANDI, 2015, p. 31), destinamos o próximo passo desta análise para refletirmos sobre a formulação dos sentidos em *Ressurreição* (2008).

### **Da formulação do discurso**

Na seção anterior, vimos que não podemos pensar o processo de constituição dos sentidos em *Ressurreição* (2008) sem refletir sobre a posição-sujeito constituída ideológica e historicamente. Nesta seção, trataremos da formulação dos sentidos levando em consideração a determinação do sujeito à língua, e conseqüentemente à história, pois como afirma Glacy Roure (2002, p. 175), “[...] não há funcionamento linguístico que não pressuponha a existência de um sujeito constituído por um processo histórico”.

Refletir sobre a língua, na AD, é de grande importância, pois ela é “condição de possibilidade do discurso” (ORLANDI, 2015, p. 20). O sujeito ao formular seu discurso já está determinado pela língua que se inscreve na história produzindo efeitos de sentidos.

De acordo com Orlandi (2012a, p. 09), “É na formulação que a linguagem ganha vida, que a memória se atualiza, que os sentidos se decidem, que o sujeito se mostra (e se esconde)”. E é por meio da língua que o discurso se materializa. Opaca, não-transparente, aberta para o equívoco e passível de jogo, é assim que a Análise de Discurso considera a língua/linguagem - como lugar de possibilidade de inscrição do sujeito na história no processo de significação.

É por meio da língua que, na formulação, os sujeitos se inscrevem na história produzindo sentidos, de acordo com as posições-sujeito que eles estão ocupando nas instituições. No caso do discurso analisado neste artigo (o literário), o sujeito formula seu discurso que é regulado pela instituição literária, ocupando uma das posições por ela estabelecida, (isto é, historicamente determinada) a de autor, assim como afirma Pêcheux (2014, p. 146-147), “[...] as palavras, expressões e proposições são produzidas etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido [...] em referência às formações ideológicas [...] nas quais essas posições se inscrevem”.

Em *Ressurreição* (2008), temos a seguinte formulação: “A crítica decidirá se a obra corresponde ao intuito, e sobretudo se o operário tem jeito para ela” (ASSIS, 2008, p. 233). Retomando o que disse Pêcheux (2014), a respeito das palavras terem seus sentidos de acordo com a formação ideológica em que os sujeitos se inscrevem ao formulá-las, temos neste segmento, um jogo com a palavra obra, que nas condições em que foi formulada estabeleceria, por convenção, a relação obra/autor. No entanto, por estar formulando no lugar próprio do efeito poético, o sujeito-autor realiza um deslize de sentido, estabelecendo a relação obra/operário.

Para compreendermos o funcionamento discursivo dessa sequência, trataremos para nosso trabalho, reflexões realizadas por Authier-Revuz (1994;1990), do campo da enunciação, a respeito das “heterogeneidades enunciativas” e das “formas de modalizações autonímicas”. Para Authier-Revuz (1994, p. 256), “toda forma de modalização autonímica aparece como uma ‘costura aparente’ sobre o tecido do dizer, ressaltando em um mesmo movimento a falha que expõe o dizer a uma de suas não-coincidências enunciativas [...]”, isto é, no fio discursivo, o sujeito-autor ao se deparar com a não coincidência das palavras consigo mesmas e com as heterogeneidades discursivas, que é o sentido outro no seu dizer, com a injunção de se produzir um discurso claro, objetivo e coerente, realiza uma modalização, negociando com as

heterogeneidades, que são constitutivas do seu discurso, e, assim, estabelecendo o “direito à existência para um dos dois [sentidos] apenas.” (Authier-Revuz, 1990, p. 31).

Essas negociações realizadas pelo sujeito falante causam efeitos de sentidos de um dizer claro e objetivo, não deixando espaço de dúvidas ao sujeito-leitor. De acordo com Authier-Revuz,

Face ao ‘isso fala’ da heterogeneidade constitutiva responde-se através dos ‘como diz o outro’ e ‘se eu posso dizer’ da heterogeneidade mostrada, um ‘eu sei o que eu digo’, isto é, sei quem fala, eu ou um outro, e eu sei como eu falo, como utilizo as palavras. (1990, p. 32).

Na Análise de Discurso, entendemos a “costura” realizada pelo sujeito falante como uma injunção constitutiva da posição-sujeito em que ele ocupa, que como vimos anteriormente está em referência às formações ideológicas. O sujeito, na ilusão de produzir um discurso coerente, realiza a modalização autonímica sem se dar conta de que está afetado pelo real da língua e que não tem controle sobre ela, pois ela não lhe é transparente.

Desse modo, entendemos que no recorte analisado, a posição-autor (literato), que é determinada pela instituição literária, tem a injunção de fazer jogos com as palavras, de fazer poesia, isto é, esse sujeito na posição que ocupa é aquele que detém o saber poético e, por isso, ao invés de formular uma linguagem “clara” e “objetiva”, desliza os sentidos, realiza sob efeito metafórico a transferência de sentidos. Authier-Revuz (1990, p. 34) considera que as “heterogeneidades enunciativas”, isto é, o discurso outro, com que o sujeito-autor se depara no fio de seu discurso, trata-se de um “sintoma”, e as modalizações autonímicas (as costuras) correspondem à “defesa”.

Ao analisarmos esta sequência, verificamos que o sujeito-autor tem o “sintoma”, ele detecta no fio do seu discurso a polissemia, isto é, a não coincidência da palavra consigo mesma, mas não realiza sua defesa, pelo contrário, como resposta, ele traz para seu discurso a palavra operário que confirma as heterogeneidades enunciativas; pois lhe é solicitado, da posição que ocupa na instituição em que se encontra - a literária, que realize poesia<sup>7</sup>, e não um texto que

---

<sup>7</sup> O termo poesia, de nossa perspectiva, é uma propriedade da língua, não se confundindo com o gênero literário poesia. Conforme Jean-Claude Milner, toda língua é capaz de poesia.

tem como princípio a objetividade. Consideramos que esse recorte discursivo assim se configurou, produzindo esses efeitos de sentidos e não outros, porque de acordo com Orlandi (2012a, p. 10), “O momento em que o sujeito diz o que diz. Em que se assume autor. Representa-se na origem do que diz com sua responsabilidade, suas necessidades. Seus sentimentos, seus desígnios, suas expectativas, sua determinação.”

O modo como o sujeito-autor formula seu texto é determinado ideologicamente, ou seja, o modo como a formulação se dá, em termos discursivos, não se dá no nível da consciência, mas já é efeito de sentido. Para Orlandi, (2012a, p. 123) “No imaginário pragmático do sujeito responsável, que se pensa regido por suas intenções, se produz o que chamamos efeito de completude [...]”. Isso porque o sujeito-autor, como vimos, tem seu dizer inscrito em determinadas formações discursivas que são as projeções das formações ideológicas na língua/linguagem. São elas que determinam o que pode ser dito, o que não pode ser dito e o como deve ser dito. Essa determinação não é visível para o sujeito, mas ela estabelece relações de poder, regula os sentidos.

Desse modo, analisaremos a seguir, outros dois recortes de *Ressurreição* (2008), buscando compreender o seu funcionamento e as determinações ideológicas, que fizeram com que o texto se configurasse de uma forma e não de outra. Para a análise desses recortes, mobilizaremos as reflexões acerca do Discurso Relatado, firmadas por Authier-Revuz (1998). Vejamos os recortes a seguir:

(S1)

- É então uma viagem de recreio? Perguntou Félix.

- Ou de romance; Lívia tem esse defeito capital: é romanesca. Traz a cabeça cheia de caraminholas, fruto naturalmente da solidão em que viveu nestes dois anos e dos livros que há de ter lido. Faz pena porque é boa alma. (ASSIS, 2008, p. 236).

(S2)

Que mulher será essa, perguntou a si mesmo, tão bela que mete medo, tão fantasiosa que causa lástima? (ASSIS, 2008, p. 237).

Em ambas as sequências, temos o discurso relatado, que segundo Authier-Revuz (1998), é um dos modos de representação do discurso outro no discurso. A autora reflete sobre os efeitos de sentidos de um discurso que se materializa sob a forma de discurso relatado, podendo ser nomeados em Discurso Direto – (DD), Discurso Direto Livre – DDL, Discurso Indireto – (DI) e Discurso Indireto Livre – (DIL). Authier-Revuz (1998, p. 145) afirma, ainda, que “o que um DR relata não é uma frase ou um enunciado, é um ato de enunciação [...]”.

Nos recortes apresentados, temos o DD na primeira sequência (S1) e o DDL na segunda sequência (S2). Authier-Revuz (1998, p. 149) afirma que, “há em DD uma ficção de apagamento, uma ostentação de objetividade no ‘eu cito’ (com valor de eu não intervenho) [...]”. Temos no recorte (S1), um discurso que se materializa na ilusão de apresentar ao leitor um discurso sustentado nas palavras “próprias” do personagem, produzindo efeito de verdade, e como diz Authier-Revuz, com a ilusão de “não intervenção” daquele que relata a enunciação do outro. De acordo com Authier-Revuz, (1998, p. 149) “citar m [mensagem] exatamente não impede que e [ato de enunciação] seja reconstruído, descrito por L [locutor]”, desse modo o DD não pode ser considerado como “restituição completa” e “fiel”.

Para Authier-Revuz (1998), o DDL apresenta um funcionamento “irregular”, pois não há uma demarcação entre o dizer do narrador e o dizer dos personagens, podendo ser considerado como um DD sem introdutor e sem marca topográfica. Tendo como princípio, assim como o DD, a apresentação do que disse o personagem por meio das palavras “próprias”, o sujeito-autor produz efeitos de sentidos de um discurso “fiel”, que mobiliza as falas das personagens para firmar o discurso realista. Desse modo, podemos afirmar que a produção desse discurso por meio do DD e DDL já é uma questão ideológica, pois já produz efeitos de sentidos.

É nessa perspectiva que ao formular, o sujeito estabelece a relação “defeito capital/romanesca”, pois, para ele, os sujeitos-leitores de literatura da sociedade do século XIX são afetados pelos efeitos de sentidos românticos e por isso têm “caraminholas” na cabeça, que são frutos dos livros que possivelmente leu. Isso porque a instituição literária estabelece relações de poder na medida em que interpela os sujeitos-leitores. E, com base nisso, o sujeito autor de *Ressurreição* (2008) produz efeitos de sentidos que provocam inquietações aos leitores que tem como referência

as produções literárias românticas, tidas como “fantasiosas” e passíveis de causar “lástima”, por não ter compromisso com a realidade.

### **Da circulação dos sentidos**

Destinamos esta última seção para discutirmos sobre o processo de circulação dos sentidos da materialidade discursiva de *Ressurreição* (2008). A circulação dos sentidos, de acordo com Orlandi (2012a, p. 9), “se dá em certa conjuntura e segundo certas condições”, portanto, levaremos em consideração as condições de circulação dessa desse discurso, mais especificamente falando na configuração do mercado editorial, no Brasil no século XIX. Falaremos, também, do sujeito-leitor e da leitura, que para a Análise de Discurso, assim como o processo de escrita (formulação), também faz parte da instauração de sentidos.

De acordo com Orlandi (2012a), nos trajetos dos dizeres, os meios de circulação nunca são neutros, isto é, a circulação é constitutiva dos efeitos de sentidos produzidos nos discursos. Desse modo, considerando que os meios aos quais os discursos circulam já significam, já causam efeitos de sentidos, refletiremos, a seguir, acerca dos meios de circulação de *Ressurreição* no século XIX. É importante ressaltar que apesar de haver uma divisão, teoricamente falando, desses três momentos do processo de produção dos discursos, estabelecidos por Orlandi (2012a), eles não podem ser pensados separadamente. Assim, ao falar da circulação dos sentidos, iremos em alguns momentos refletir sobre a constituição e a formulação também.

*Ressurreição* (2008) foi o primeiro romance produzido por Machado de Assis, publicado pela primeira vez em 1872, pela editora francesa Garnier. A cidade do Rio de Janeiro, capital imperial, foi marcada no século XIX, de acordo com Davi Bonela (2016, p. 21), pelo “[...] surgimento de bibliotecas, gabinetes de leitura, livrarias e alfarrábios, que eram as lojas que vendiam livros de segunda mão. Junto a isso surgiram tipografias, editoras, e, é claro, cresceram em número os ofícios relacionados ao comércio do livro.” Bonela (2016, p. 25) afirma, ainda, que “todo esse crescimento só não foi acompanhado pelo número de leitores. O analfabetismo entre a população era enorme.”

Frente a esses dados históricos, fazemos os seguintes questionamentos: visto que grande parte da população brasileira do século XIX era analfabeta, nos

perguntamos, quem eram os leitores? Eles pertenciam a alguma classe social específica? Esses questionamentos serão discutidos em um outro momento, em uma outra análise, mas salientamos que eles nos são importantes para a compreensão do processo de circulação, na medida em que consideramos que o sujeito-leitor também faz parte do processo de significação, pois como afirma Pêcheux (2014, p. 82), “o fato de que a língua, escreve E. Balibar, seja ‘indiferente’ à divisão de classes e a sua luta, não quer dizer que as classes sejam ‘indiferentes’ à língua”. Desse modo, o ato de leitura também é considerado, por nós da Análise de Discurso, produção de sentidos, pois em contato com a língua, no processo de leitura, o sujeito interpreta e atribui os sentidos de acordo com as formações ideológicas que o interpelam. Temos, então, a leitura também determinada linguística, histórica e ideologicamente, pois essa “indiferença” se dá pelo fato de que *“todo processo discursivo se inscreve numa relação ideológica de classes”* (PÊCHEUX, 2014, p. 82, grifo do autor). Mas isso não é transparente ao sujeito, pois ele, de acordo com Orlandi (2012a, p. 26), “[...] funciona no ordinário do dizer sob o efeito do apagamento da alteridade (exterioridade, historicidade), com a ilusão do sentido-lá, de sua evidência”.

Em *Ressurreição* (2008), há uma disputa de sentidos entre as discursividades literárias. Por um lado, o Romantismo como discursividade literária dominante, em que havia uma tradição, um modelo no fazer literário. E do outro, o Realismo se configurando, no processo de fundação de uma nova discursividade literária com outros sentidos. Isso, porque na produção do discurso, temos a articulação de dois processos, o de paráfrase (sentido mesmo) e o da polissemia (sentidos diferentes). A partir dessa tensão (entre paráfrase e polissemia), em que se dá a produção dos sentidos, de acordo com Orlandi (2012b, p. 25), “expressa-se [...] o conflito entre o garantido, o institucionalizado, o legitimado, e aquilo que, no domínio do múltiplo, tem de se garantir, se legitimar, se institucionalizar.”.

Na sequência a seguir, podemos verificar a relação entre paráfrase e polissemia presente no recorte, assim como o confronto entre as duas discursividades literárias mencionadas anteriormente.

Aqui podia acabar o romance muito natural e sacramentalmente, casando-se estes dois pares de corações e indo desfrutar a sua lua de mel em algum canto ignorado dos homens. Mas para isso, leitor impaciente, era necessário que a filha do coronel e o dr. Meneses se

amassem, e eles não se amavam, nem se dispunham a isso. (ASSIS, 2008, p. 273)

Neste recorte, verificamos que ocorre a “[...] instituição do novo (polissemia) pela ruptura do processo de produção dominante” (ORLANDI, 2012c, p. 15). O sujeito-autor no processo de fundação da discursividade literária realista atravessa o fio da narrativa estabelecendo interlocução com o sujeito-leitor a respeito da composição do texto.

Na sequência: “Aqui podia acabar o romance muito natural [...]”, a palavra “natural” está remetendo ao Romantismo, que por ser a discursividade literária dominante, produz efeitos de sentidos que são naturalizados aos sujeitos, tanto ao sujeito na posição de autor, como na posição de leitor. Temos, nesse recorte, o dizer romântico emergindo no dizer realista, isso porque, no funcionamento discursivo, como vimos anteriormente temos os processos parafrásticos e polissêmicos.

O discurso tem continuidade com a sequência adversativa: “mas para isso, leitor impaciente, era necessário que a filha do coronel e o Doutor Meneses se amassem”. O “mas” representa a ruptura com o discurso romântico, pois esse amor “idealizado” não corresponde com a “realidade”. O sujeito-leitor é chamado de impaciente, porque, “[...] pelo mecanismo da antecipação, o sujeito-autor projeta-se imaginariamente no lugar em que o outro o espera [...], assim, ‘guiado’ por esse imaginário, constitui, na textualidade, um leitor virtual que lhe corresponde, como um seu duplo” (ORLANDI, 2012a, p. 61). O sujeito-autor ao realizar a antecipação imaginando o sujeito-leitor atravessado pelos discursos românticos, busca explicar seu discurso produzindo efeito de verdade/realidade em contraposição ao Romantismo que é tido como idealização/ilusão.

Desse modo, a forma como o texto se configura, isto é, a impossibilidade de um romance entre os dois personagens, trata-se de “coisa de que nem ele [narrador], nem o autor do livro temos culpa”. Pois como vimos, a partir do discurso relatado, que é a representação de um discurso outro no discurso, é produzido nesse recorte “[...] a ilusão que sempre se pode saber do que se fala, [...] negando o ato de interpretação no próprio momento em que ele aparece”, como diz Pêcheux (2015, p. 55). Para nós, da Análise de Discurso, não se trata de explicitar a realidade, pois consideramos a interpelação do indivíduo em sujeito pela e ideologia, e “a ideologia, por sua vez, é interpretação de sentido em certa direção” (ORLANDI, 1996, p. 31). Os efeitos de

sentidos de denúncia da realidade presente no texto tratam-se então de uma interpretação/projeção imaginária do sujeito-autor a respeito da sociedade brasileira do século XIX, a realidade empírica, que é função do imaginário.

Assim, o sujeito-autor desse discurso, ao formular de outro lugar (o não dominante), institui seu discurso nessa ilusão. E por se constituir, também, no deslocamento da formação discursiva romântica, ele se configura em um discurso que desloca o sujeito-leitor, que deixa o leitor desconfortável, em um lugar não naturalizado, que não corresponde ao “romance de costumes”.

Considerando que “ao dizer, os falantes estabelecem um sentido (e não outro), por um (e não outro) enunciado, para um certo interlocutor (e não outro) com uma determinada finalidade etc.” (ORLANDI, 2012c, p. 16), ao analisar esse recorte vimos que efeitos de sentidos estabelecidos pelo sujeito-autor estão relacionados com a formação discursiva e ideológica a qual ele está interpelado (a realista) e não o discurso institucionalizado no momento em que foi publicado. O sujeito-autor, ao formular seu discurso, projeta seu discurso para o sujeito-leitor imaginado por ele, que é o sujeito romântico.

No processo de formulação, o sujeito-autor já pensa na circulação do discurso por ele produzido. Podemos afirmar, então, que a formulação além de determinar a circulação, é determinada pelas projeções imaginárias a respeito da circulação dos sentidos. Por isso o cuidado que ele tem em não se contradizer, em produzir um discurso coerente, que lhe é exigido na posição em que ocupa, sem se dar conta de que todo discurso é atravessado por diferentes formações discursivas e de que a contradição é constitutiva de todo discurso.

O pensamento foucaultiano também nos ajuda a compreender as exigências e projeções imaginárias da sociedade em relação ao sujeito-autor:

[...] o fato de haver um nome de autor, o fato de que se possa dizer "isso foi escrito por tal pessoa", ou "tal pessoa é o autor disso", indica que esse discurso não é uma palavra cotidiana, indiferente, uma palavra que se afasta, que flutua e passa, uma palavra imediatamente consumível, mas que se trata de uma palavra que deve ser recebida de uma certa maneira e que deve, em uma dada cultura, receber um certo status. (FOUCAULT, 2001, p. 13)

O nome do autor juntamente com sua obra *Ressurreição* (2018) passa a produzir efeitos de sentidos, de acordo com as especificidades de seu discurso, ao

entrar em circulação. Ao referir-se a Machado de Assis o sujeito-leitor o tem como referência enquanto literato realista, e é por isso que o anonimato literário não é suportável para o sujeito leitor, como afirma Foucault (2001), pois o texto em que esse sujeito assina como autor passa a “receber um certo status”, como vimos acima. Temos a identificação do sujeito-autor como já sendo ponto de interpretação. O nome do autor passa a ser referência do próprio discurso literário realista, na medida em que ele se funda como discursividade literária dominante.

### **Considerações finais**

Neste artigo, tivemos como objetivo compreender como se configura a discursividade literária realista produzida pelo sujeito-autor de *Ressurreição* (2008), à luz da Análise de Discurso pecheuxtiana. A partir da análise de recortes dessa materialidade discursiva, buscamos compreender o seu funcionamento e as determinações históricas, linguísticas e ideológicas.

Com base na análise discursiva que foi apresentada, podemos concluir que os efeitos de sentidos produzidos em *Ressurreição* se contrapõem à discursividade literária romântica, que no momento era a dominante. Vimos através da análise dos recortes que o sujeito-autor ao formular seu discurso se coloca na origem de si, com a ilusão de denúncia da realidade, sem se dar conta de que a realidade que ele apresenta é um gesto de interpretação determinado pelas formações discursivas e ideológicas.

Tendo em vista que o processo de constituição dos sentidos determina o da formulação, pois como afirma Pêcheux (2014), algo fala antes, em outro lugar e independentemente, afirmamos que o sujeito-autor (literato) ao formular seu discurso desloca os sentidos estabilizados e instaura uma nova ordem dos sentidos, isto é, funda o realismo como discursividade literária no Brasil. E em *Ressurreição* (2008), já nos foi possível analisar esse deslocamento, assim como a afirmação do seu discurso por meio crítica ao romantismo, na busca em deslocar o leitor romântico para a identificação com o discurso realista.

Refletimos, ao longo de nosso trabalho, sobre os processos de constituição, formulação e circulação dos sentidos produzidos por um sujeito na posição de autor (literato), levando-se em conta o modo como se praticava a literatura no Brasil neste

determinado momento da história de nossa formação social. Salientamos que as reflexões realizadas neste artigo não buscam uma análise exaustiva do texto empírico. Realizar uma análise a partir da teoria que estamos filiados se diferencia de realizar uma análise de conteúdo, na ilusão de completude, pois como nos diz Lagazzi-Rodrigues (2015, p. 94), “O enfoque no conteúdo faz do texto um objeto no qual a linguagem é apenas um meio de expressão de pensamentos e ideias”. Ao selecionar os recortes, o sujeito analista, diante de seu material de análise e determinado por sua filiação teórica – a teoria do discurso –, constrói o seu dispositivo analítico a partir das noções mobilizadas, orientadas pela pergunta que faz o analista na compreensão de seu objeto de estudo, em vista de sua finalidade, passando, desse modo, do texto (unidade de análise) para a análise do funcionamento discursivo. Foi assim que procedemos com a análise que realizamos de nosso objeto de estudo e que formulamos os resultados que ora apresentamos ao leitor, considerando o domínio teórico desta pesquisa, a Análise de Discurso.

## REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. *Ressurreição*. In: ASSIS, Machado de. *Obra completa*, em quatro volumes: volume 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Heterogeneidade(s) Enunciativas(s)*. Trad. Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi. *Cad. Est. Ling.*, Campinas, (19): 25-42, jul./dez. 1990.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Falta do dizer, dizer da falta: as palavras do silêncio. In: ORLANDI, E. P. (org.) [et al.]. *Gestos de Leitura: da história no discurso*. Campinas, SP: Unicamp, 1994.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas, SP: Unicamp, 1998.
- BONELA, Davi. Difícil ofício de ser escritor no Brasil na época de Machado de Assis. ROHR, Cilene Trindade; RODRIGUES, Diego do Nascimento. Orgs. In: *Machado de Assis: urbano, cosmopolita e carioca*. Cabo Frio: Mares, 2016 p. 21-46.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 1996.
- FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: *Ditos e Escritos: Estética – literatura e pintura, música e cinema (vol III)* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 264-298.
- FRAGOSO, É. A. *A Relação entre Língua (Escrita) e Literatura (Escritura) na Perspectiva da História da Língua no Brasil*. Dissertação de Mestrado. Campinas, SP: IEL/UNICAMP, 2001.

- HENRY, P. APÊNDICE: sentido, sujeito, origem. Trad. Eni P. Orlandi. In: ORLANDI, E. P. (org.) *Discurso Fundador: a formação do país e construção da identidade nacional*. Campinas, SP: Pontes, 1993. p. 151-162.
- LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy. Texto e Autoria. In: ORLANDI, E. P.; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy. (orgs) *Introdução às ciências da linguagem – Discurso e textualidade*. Campinas, SP: Pontes. 2015. p. 89-113.
- ORLANDI, E. P. Vão surgindo sentidos In: ORLANDI, E. P. (org.) *Discurso Fundador: a formação do país e construção da identidade nacional*. Campinas, SP: Pontes, 1993. p. 11-25.
- ORLANDI, E. P. *Interpretação*; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- ORLANDI, E. P. Do sujeito na história e no simbólico. In: *Escritos: contextos epistemológicos da análise de discurso*. n. 4. Campinas, SP: Labeurb/UNICAMP, 1999.
- ORLANDI, E. P. *Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos*. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012a.
- ORLANDI, E. P. *Discurso e Leitura*. 9ª ed. São Paulo: Cortez, 2012b.
- ORLANDI, E. P. Destruição e Construção do Sentido: um estudo da ironia. In: *Rev. Discursividade*. ed. n. 9 – Jan./Mai. - ISSN - 1983-6740. 2012c.
- ORLANDI, E. P. Ler Michel Pêcheux hoje. In: *Análise de Discurso*. Textos selecionados: Eni Puccinelli Orlandi. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2014.
- ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 12. ed., Campinas, SP: Pontes. 2015.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni P. Orlandi, [et al.] 5. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2014.
- PÊCHEUX, Michel. *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni P. Orlandi. 7. ed. Campinas, SP: Pontes, 2015.
- PFEIFFER, Claudia Castellanos. *Que autor é este?* Dissertação de Mestrado. Campinas, SP: IEL/UNICAMP, 1995.
- ROURE, Glacy Queirós de. *Criança-objeto: entre o desejo e o gozo*. Tese de doutorado. Campinas, SP: IEL/UNICAMP, 2002.

---

Recebido em: 31/05/2020

Aceito em: 21/08/2020